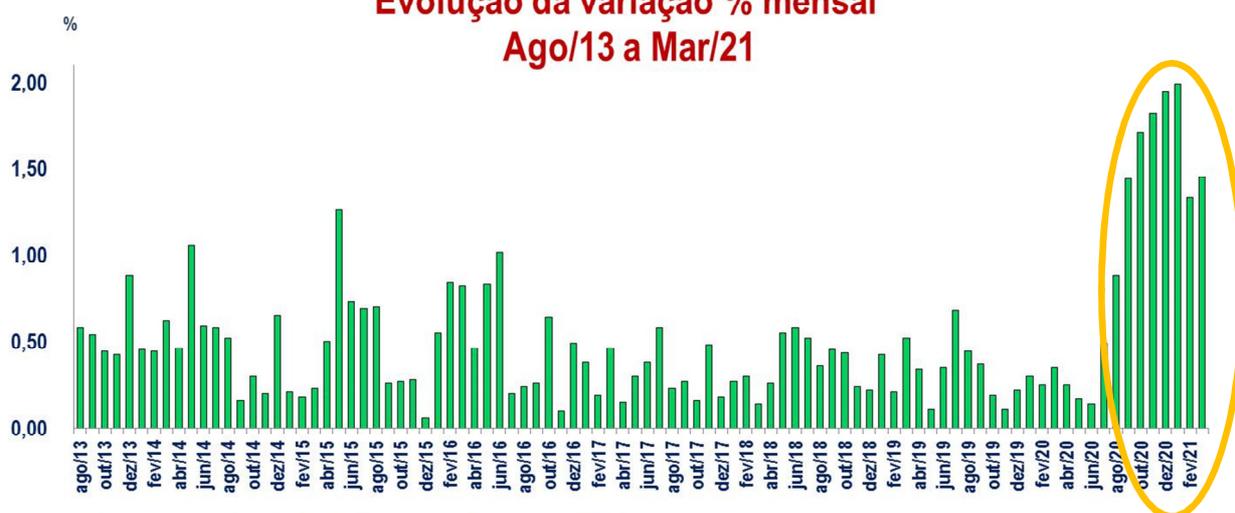


Sinapi de março revela a persistência do aumento dos materiais de construção

Em março/21, o **Índice Nacional da Construção Civil – Sinapi**, calculado e divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), aumentou 1,45%. Desde setembro/20 o referido indicador de custos do setor está apresentando altas superiores a 1%. Nos últimos sete meses, o SINAPI registrou as suas maiores variações desde 2013, quando se iniciou o seu cálculo com a desoneração da mão de obra.

Índice Nacional da Construção - SINAPI/IBGE Evolução da variação % mensal Ago/13 a Mar/21

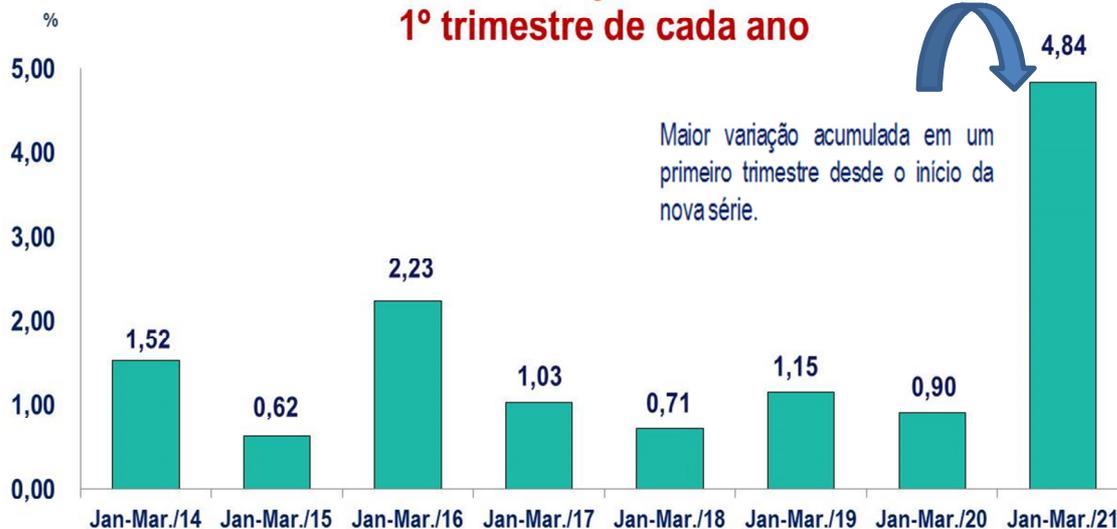


Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE

Obs.: Dados do SINAPI considerando a desoneração da folha de pagamento.

No primeiro trimestre de 2021 o Sinapi aumentou 4,84% e nos últimos 12 meses (abr/20-mar/21) 14,46%. Destaca-se que a alta acumulada nos três primeiros meses do ano é a maior registrada, para este período, desde o início da nova série histórica, em 2013. Mas este não é o único indicador que tem demonstrado as fortes elevações nos custos do setor. O Índice Nacional de Custo da Construção (INCC), calculado e divulgado pela Fundação Getúlio Vargas, também tem revelado aumentos acentuados, o que tem intensificado a preocupação dos empresários. No terceiro mês do ano o INCC/FGV apresentou alta de 1,30%. Com esse resultado, a elevação observada de janeiro a março foi de 4,14%. Já a variação acumulada nos últimos 12 meses encerrados em março/21 foi de 12,23%.

SINAPI/IBGE- Variação % acumulada no 1º trimestre de cada ano



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE
Obs.: Dados do SINAPI considerando a desoneração da folha de pagamento.

A comparação da evolução das taxas acumulada em 12 meses do INCC/FGV e do Sinapi/IBGE demonstra que os aumentos mais elevados, desde o segundo semestre do ano passado, eram impossíveis de serem previstos, pois fugiram totalmente da tendência observada anteriormente. Isso ajuda a justificar a dificuldade das empresas para continuar a produção dos seus empreendimentos.

INCC/FGV e SINAPI/IBGE*
Evolução da variação (%) acumulada em 12 meses
Dezembro/15 a março/21



Fonte: Fundação Getúlio Vargas (FGV) e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).
* Dado do SINAPI considerando a desoneração da folha de pagamentos.

No resultado do Sinapi de março/21, a parcela relativa a mão de obra apresentou elevação de 0,47%. Essa alta foi devida aos acordos coletivos firmados nos estados de Mato Grosso, Bahia e Amapá. Entretanto, o que contribuiu para pressionar, mais uma vez, o custo da construção foi a continuidade da elevação dos preços dos seus insumos básicos. No terceiro mês do ano, a parcela relativa aos materiais de construção, dentro do Sinapi, aumentou 2,20%, e acumulou, no primeiro trimestre, incremento de 7,7%. Há oito meses consecutivos os insumos do setor vêm registrando aumentos imprevisíveis, o que muito têm prejudicando a execução do orçamento das empresas.

Conforme o IBGE, em março, o segmento de aço, que envolve insumos como vergalhões, arames, vigas, entre outros foi um dos que apresentou as maiores variações e impactou os custos em cerca de 20 estados. Condutores elétricos e PVC também registraram alta em várias Unidades da Federação. O IBGE não divulga, isoladamente, as variações dos preços dos insumos. Essa divulgação é realizada posteriormente pela Caixa Econômica Federal. Vale lembrar que o referido indicador de custo da Construção é uma produção conjunta do IBGE e da Caixa.

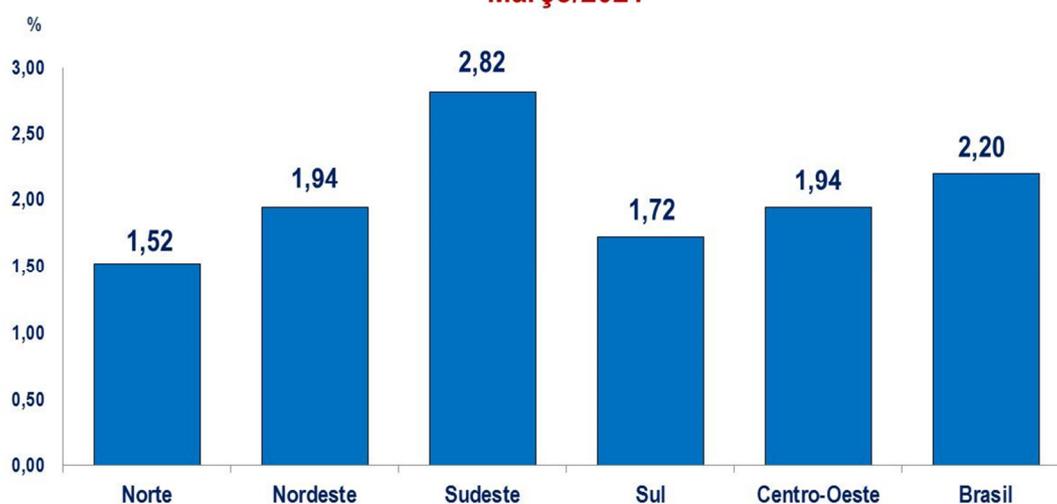
Fazendo a comparação da evolução 12 meses do INCC Materiais e Equipamentos com a parcela de materiais do Sinapi observa-se a mesma tendência de alta desde o segundo semestre do ano passado. O gráfico a seguir demonstra o pico recente destas elevações.



Fonte: Fundação Getúlio Vargas (FGV) e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).
* Dado do SINAPI Material considerando a desoneração.

Conforme os dados divulgados pelo Sinapi, todas as regiões, em março, registraram elevações acentuadas na parcela dos materiais: na Região Norte a alta foi de 1,52%, enquanto na Região Nordeste observou-se incremento de 1,94%, na Região Sul 1,72% e Centro Oeste 1,94%. Portanto, observa-se que os aumentos estão generalizados em todo o País. A maior variação nos custos com materiais neste mês foi observada na Região Sudeste (2,82%). Nesta região todos os estados apresentaram fortes incrementos nos custos com os seus insumos: Minas Gerais +3,67%; Espírito Santo +1,96%; Rio de Janeiro +3,56%; e São Paulo +2,10%.

**SINAPI - Variação % da parcela dos materiais por regiões
Março/2021**



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE
Obs.: Dados do SINAPI considerando a desoneração da folha de pagamento.

O aumento de custos continua contribuindo para intensificar a preocupação do setor com novos investimentos. A permanecer esse cenário, a Construção poderá postergar novos projetos, o que impactará diretamente na geração de emprego e fragilizará ainda mais a economia nacional. O mercado de trabalho debilitado, a agenda das reformas estruturantes paralisada, a inflação em maior patamar, o aumento dos juros básicos, a aceleração da pandemia provocada pelo novo Coronavírus, com alta elevada no número de mortes e esgotamento dos hospitais, a vacinação ainda em processo lento são alguns dos desafios que o País enfrenta. Neste contexto, a Construção Civil tem a capacidade de exercer um papel de protagonista na retomada da economia. Vale lembrar que em 2020, mesmo com o seu nível de atividades no patamar de 2007, o setor liderou a geração de novas vagas com carteira assinada no País (mais de 106 mil) conforme os dados do Caged divulgados pela Secretaria Especial de Previdência e Trabalho, do Ministério da Economia.

Além disso, é preciso considerar que impacto econômico do aumento dos custos é somente uma parte do desarranjo que a redução da produção da Construção Civil pode gerar. É necessário considerar, também o impacto social. A alta expressiva nos insumos básicos do setor inibe a construção de moradias para a população de baixa renda, justamente onde se concentra a maior parcela do déficit habitacional no País. Isso porque, com aumentos tão expressivos, é praticamente impossível manter os valores de construção dentro dos tetos estabelecidos por programas habitacionais. Assim, perde não somente o setor da Construção, mas perde, especialmente, o País. Isso significa menos atividade, menos emprego, menos renda, menos geração de tributos, menos atendimento de moradias para a população de baixa renda e menos desenvolvimento para a economia nacional.

Outro aspecto importante a ser destacado diz respeito a continuidade das obras públicas com contratos já firmados. A necessidade de reequilíbrio econômico é essencial para que elas possam ser finalizadas. Isso porque os aumentos de custos do setor, na proporção atual, não tinham como ser previstos, e isso inviabilizou o orçamento realizado. Portanto, o País tem diversos desafios que precisam ser considerados e que envolvem o aumento de insumos da construção. A situação precisa ser resolvida com urgência.